

A RESILIÊNCIA COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA: REPENSANDO A FORMAÇÃO DOCENTE

Rosana Salles Raymundo, UNITAU, rosalles2011@hotmail.com

Marluce Auxiliadora Borges Glaus Leão, UNITAU, mgleao08@gmail.com

EIXO TEMÁTICO: FORMAÇÃO DE PROFESSORES- PEDAGOGIAS INOVADORAS

Resumo

As pesquisas acerca da resiliência no âmbito educacional são escassas e revelam-se inovadoras ao atribuírem uma atenção especial ao professor e sua capacidade de desenvolver aspectos positivos diante de ambientes adversos como a escola pública atual. É reconhecida a tradição de estudos da resiliência na área da física e da engenharia, porém, nos últimos anos, percebeu-se a possibilidade da utilização do conceito também nas áreas da psicologia, sociologia e educação. Em particular, na educação, os sujeitos que apresentam características resilientes ou as instituições que favorecem os processos resilientes são aqueles que enfrentam situações adversas e conseguem administrá-las de forma criativa, superando os desafios cotidianos no campo pedagógico. O presente artigo tem como objetivo apresentar os conceitos da resiliência e sua importância como requisito básico para a formação de docentes. A metodologia utilizada para este artigo foi a revisão bibliográfica de caráter exploratório, dividida em três capítulos: conceitos de resiliência, a resiliência na educação como pedagogia inovadora e a resiliência na formação de docentes.

Palavras Chave: Resiliência. Educação. Inovadoras. Pedagógico. Docentes.

RESILIENCE AS A FACTOR OF DEVELOPMENT OF TEACHING PRACTICE: RETHINKING THE TEACHING

Abstract

The research on resilience in the educational field are scarce and reveal themselves innovative in assigning special attention to the teacher and their ability to develop positive face of harsh environments such as public schools today. It recognized the tradition of resilience studies in physics and engineering, however, in recent years, realized the possibility of using the concept to areas of psychology, sociology and education. In particular, education, subjects that have characteristics or resilient institutions that favor resilient processes are those facing adverse situations and can manage them creatively, overcoming the daily challenges in the educational field. This article aims to introduce the concepts of resilience and its importance as a basic requirement for the training of teachers. The methodology used for this article was a literature review and exploratory, divided into three sections: definition of resilience, the resilience in education and innovative pedagogy and resilience in teacher training.

Keywords: Resilience. Education. Innovative. Pedagogy. Teachers.

Introdução

A realidade socioeconômica dos países serve como parâmetro que situa os principais problemas e a forma como determinados autores discutem o conceito de resiliência na relação com a educação. No Brasil e em países em desenvolvimento, ou seja, com situações de desigualdade social, dificuldade de acesso a bens de consumo e serviços, questões relacionadas aos agravos produzidos pela violência são parte da literatura focada pela resiliência e prática docente, destacando as interferências da desigualdade e da violência no âmbito da educação (FAJARDO et. al. 2013).

O presente artigo possui o objetivo de investigar e apresentar os conceitos de resiliência e direcioná-los como pedagogia inovadora na formação de docentes.

Num segundo momento o objetivo específico deste artigo é visar os benefícios acadêmicos no processo de desenvolvimento profissional de docentes, pois a resiliência, de acordo com pesquisas iniciais da autora sobre o assunto, pode ser considerada como uma capacidade universal que permite ao indivíduo, grupo ou comunidade, se prevenir, minimizar e ultrapassar as marcas ou efeitos das adversidades vividas ao longo de suas trajetórias e vivências.

A metodologia utilizada para este artigo foi de revisão bibliográfica de caráter exploratório dividida em três capítulos: conceitos de resiliência, a resiliência na educação como pedagogia inovadora e a resiliência na formação de docentes.

1. Conceitos de resiliência

Os esforços dos seres humanos no sentido de superar as adversidades e situações traumáticas acompanham a evolução do ser humano. Nas últimas décadas, porém, alguns pesquisadores, como Masten & Garmezy, 1985; Rutter, 1985; e Werner & Smith, 1992 iniciaram uma observação junto a indivíduos e grupos que, expostos a situações de traumas pessoais, familiares e sociais, conseguiam desenvolver-se bem, superar e continuar evoluindo em sua essência, apesar desses acontecimentos adversos. O questionamento cabível para situações como estas, seria entender se estes são invulneráveis, ou encontrar explicação para o modo como essas pessoas contradiziam o paradigma da lógica do trauma. Além disso, o questionamento principal relacionava-se à descoberta de quais fatores, intrínsecos e

extrínsecos, contribuíam para que esses seres humanos conseguissem superar essas fortes adversidades e continuassem projetando-se de forma sadia ao futuro.

A noção de resiliência vem sendo utilizada há muito tempo pela Física e Engenharia, sendo um de seus precursores o cientista inglês Thomas Young, que, em 1807, considerando tensão e compressão, introduz pela primeira vez a noção de módulo de elasticidade. Em seus experimentos ele buscava a relação entre força aplicada num corpo e a deformação que essa força produzia. Foi Young o pioneiro em elaborar um método para o cálculo dessas forças a partir dos estresses causados pelos seus impactos (YUNES, 2001, p. 15).

A resiliência é uma capacidade que todo ser humano tem, em maior ou menor medida. É um recurso que é, em parte, inato, mas também se adquire ao longo do tempo, pois a resiliência, como diz Cyrulik7 (1999), “se tece” durante todo o ciclo vital. Pode ir crescendo, ajudada pelas situações e condições externas, isto é, por um entorno que a favoreça. As atitudes resilientes podem ser promovidas, com o apoio de pessoas ou instituições (família, igreja, escola, centro de saúde, organizações ou associações sociais ou políticas etc.), que se preocupam em motivar a ativação das capacidades de superação das dificuldades (LARROSA, 2005, p.11).

De acordo com LARROSA (2005) há três décadas iniciaram-se os primeiros estudos originários ao que hoje se conhece como resiliência. O conceito surgiu e iniciou seu desenvolvimento com Michael Rutter, na Inglaterra, e Emmy Werner, nos Estados Unidos, expandindo-se e globalizando-se pela França, Países Baixos, Alemanha e Espanha.

De acordo com Theis (2003, p. 50), a resiliência é a capacidade de desenvolver-se bem para continuar projetando-se no futuro de forma positiva apesar dos acontecimentos que tornam o cotidiano desestabilizado ou com condições de vida difíceis e de até traumas às vezes graves. Em outras palavras, a resiliência é a capacidade universal que o ser humano pode ter de lidar, superar, aprender ou até mesmo ser transformado com as diferenças e imprevistos inevitáveis da vida. O autor complementa que, esta capacidade de proteção, permite a “uma pessoa, um grupo ou uma comunidade impedir, diminuir ou superar os efeitos nocivos da adversidade”.

Mesmo que o conceito de resiliência seja relativamente novo, as buscas de superar as dificuldades e a obtenção significativa de resultados positivos são tentativas do ser humano e inquietações das diversas crenças de todos os tempos.

O primeiro que usou o termo resiliência, no sentido figurado, foi o psicólogo John Bowlby (1992) e definiu-a da seguinte forma: “recurso moral, qualidade de uma pessoa que não desanima, que não se deixa abater” (MANCIAUX, 2003, p. 20).

Para Assis (2006 p.57) a resiliência “implica tentar transformar intempéries, momentos traumáticos e situações difíceis e inevitáveis, em novas perspectivas”.

Lisboa (2013) conceitua resiliência como uma característica comum que alguns indivíduos, eventualmente, desenvolvem diante de uma situação difícil. O autor complementa que pesquisas recentes comprovam que resiliência é a habilidade de resistir e contornar crises, pode ser uma habilidade treinada e estimulada. Essa descoberta tem valor significativo para o mundo corporativo e educacional, hoje imersos em problemas como acúmulo de trabalho, condições precárias de trabalho, remunerações não condizentes com o perfil, metas impraticáveis e os próprios reveses da economia, inclusive outros fatores de estresse.

Resiliência é normalmente citada por processos ou acontecimentos que explicam a “superação” de crises e/ou adversidades em indivíduos, grupos e organizações (YUNES; SZYMANSKI, 2001; YUNES, 2001; TAVARES, 2001).

Pelo fato de a resiliência ser um conceito, relativamente novo, no âmbito da Psicologia, tem sido tema de grandes discussões sob o ponto de vista teórico e metodológico no campo científico (YUNES, 2003).

De acordo com Yunes (2001, p. 16-17) os termos invencibilidade ou invulnerabilidade são os precursores do termo na Psicologia e ainda vem orientando a produção científica de muitos pesquisadores da área.

Para Morais e Koller (2004, p. 100), “a resiliência é entendida como uma reafirmação da capacidade humana de superar adversidades, o que não quer dizer que o indivíduo saia da crise ileso, como implica o termo invulnerabilidade”.

No Brasil as primeiras pesquisas relacionadas à resiliência surgiram nos anos de 1996 com estudos sobre as crianças e adolescentes expostos às situações de vulnerabilidade psicológica e social; pesquisas relacionadas aos moradores de rua; às famílias de baixa renda; ao uso de drogas e às questões da saúde (MELILO, 2005).

A palavra resiliência tem sido pouco utilizada na língua portuguesa, aplicada às ciências sociais e humanas. Seu uso no Brasil ainda se restringe a um grupo seleto de pessoas participantes de poucos círculos acadêmicos. Certos profissionais da área da Psicologia, da Sociologia ou da Educação ainda não tiveram contato com a palavra ou nunca ouviram falar sobre seu uso formal ou informal, bem como sua aplicação em qualquer das áreas da ciência. Por outro lado, certos profissionais das áreas da Engenharia, Ecologia e Física, e até mesmo da Odontologia, possuem certa familiaridade com a palavra, no que se refere à resistência de

materiais. No contexto geral do Brasil, a palavra resiliência e, naturalmente, seus significados ainda permanecem em desconhecimento para a maioria das pessoas, já em países desenvolvidos o conceito é naturalmente utilizado no cotidiano (YUNES, 2003).

Segundo Fajardo (2012, p. 37), atualmente há uma tendência dos vários pesquisadores para uma conceituação mais complexa, considerando o construto resiliência como multifacetado e dinâmico, que envolve a influência mútua dos processos sociais e intrapsíquicos de risco e de proteção, contribuindo para que a pessoa possa ter uma vida saudável em meio às adversidades.

Segundo Taboada et. al. (2006, p.105), “resiliência é a capacidade de um material para receber uma energia de deformação sem sofrê-la de modo permanente.” Nas ciências humanas, a resiliência é “a capacidade que alguns indivíduos apresentam de superar as adversidades da vida”.

Diante do exposto, a resiliência não é uma realidade alcançada continuamente, não é absoluta, e sim dinâmica. Por esse motivo, não se pode considerar que uma pessoa é resiliente, ou não é resiliente, uma vez que cada pessoa possui momentos e circunstâncias, ao longo da vida, no qual consegue lidar melhor com as dificuldades.

Entende-se que o estado de resiliência depende de vários fatores, dentre outros o ciclo vital, assim como o apoio externo e a cultura. Ao observar a resiliência existente em alguém, é possível perceber que certos processos de superação podem ser mais rápidos que outros, ficando à dependência das situações e de cada pessoa.

A resiliência, portanto, pode ser considerada como um processo de construção interior que se desenvolve, ao longo do tempo, e deve resultar da motivação do ambiente, influência da família, dos suportes sociais e da educação quanto à forma de enfrentar as dificuldades de todas as ordens (FAJARDO, 2012, p. 37).

2. A resiliência na Educação como pedagogia inovadora

Como visto no capítulo anterior, os contratempos e as adversidades estão inseridos na vida humana e as pesquisas sobre resiliência indicam caminhos para um desenvolvimento mais positivo diante dos enfrentamentos destas dificuldades. Por se tratar de uma proposta de

auto fortalecimento e de melhora após o embate, a resiliência pode ser colocada como uma inovação em relação ao desenvolvimento humano.

No contexto escolar, a resiliência também é percebida e pode ser apresentada como proposta de uma pedagogia de grande valia e que merece ser incentivada, tornando-se um processo de adaptação passível de aplicação ao desenvolvimento em ambientes favoráveis ou adversos.

Autores como Antunes (2007), Assis (2003), Pesce e Avanci (2006), Barbosa (2007), Tavares (2001), Varela (2005) e outros ressaltam a importância da resiliência na educação escolar, pois para eles, a escola é um dos espaços promotores de resiliência mais potentes que a sociedade pode implementar, por apresentar duas condições importantes. A primeira, porque agrupa distintos sistemas humanos; a segunda, porque articula a pessoa do professor ao aluno dentro de uma perspectiva de desenvolvimento humano, de proteção, e não de fatores de risco.

De acordo com Zaremba (2009), nos últimos trinta anos do século XX, uma profunda crise assolou o capitalismo, com muitas consequências profundas para as relações entre capital e trabalho, como por exemplo, o desemprego estrutural notável, a precarização das condições de trabalho, as mudanças nos processos de trabalho, etc. É nesse quadro histórico que se insere o processo de reforma do Estado brasileiro, iniciado no governo de Collor de Melo e continuado nos governos posteriores. O discurso era o de que as condições para a inserção do Brasil de forma competitiva na economia internacional seria viável somente se houvesse realização de uma série de reformas estruturais, o que implicava privatizações, desregulamentação, mudanças no financiamento público, e principalmente reformas na Educação.

De acordo com Zaremba e Costa (2011, p.2):

A escola é o locus da reforma, é o espaço de expressão dos anseios e das necessidades dos docentes, dos alunos e da sociedade, pois é uma instituição estabelecida para fins de socialização e transmissão da cultura. Mas ela é, também, espaço de disputa e de poder. Ameaças a essa situação desencadeiam reações as mais diferentes. É preciso enfatizar que a Educação é, a um só tempo, produtora e produto de cultura. A cultura social é produzida e reproduzida na dinâmica de um processo histórico-dialético de práticas sociais que se dão em diversas esferas, inclusive no cotidiano das práticas escolares. Entende-se aqui por cultura social o conjunto das culturas específicas criadas pelo homem e que possibilitam e regulam a vida em sociedade.

Com base neste enfoque histórico sobre a reforma na educação, entende-se que a resiliência é uma excelente defesa psicológica contra as agressões impostas pela sociedade capitalista.

De acordo com Freire (1987) é preciso ensinar os alunos a pensar, e é impossível aprender a pensar num regime autoritário com vistas a uma lógica empresarial, pois na época o Brasil acabara de se tornar uma democracia.

Segundo o autor, que morreu em 1997, pensar é procurar por si próprio, é criticar livremente e é demonstrar de forma autônoma suas possibilidades sob o prisma da atividade intelectual. É resiliência.

A Educação, para Paulo Freire, já se tratava de algo relacionado à resiliência, pois em suas publicações, haviam menções sobre superação e visualizar oportunidades diante das dificuldades, mas seu conceito, acima de tudo, se focava na educação como ação problematizadora, ou seja, para ele a educação estava diretamente ligada ao contexto social em que vivem o professor e o aluno e onde o ato do saber não estaria separado daquilo que já se conhece.

Após esta breve contextualização histórica sobre a Educação contemporânea, torna-se imprescindível apontar que é preciso que a escola desdobre todo o potencial e recursos disponíveis para conseguir uma comunidade educativa inclusiva e resiliente.

É sabido que os professores são afetados por todas as adversidades no seu cotidiano, por conta do tempo e suas mudanças: exige-se mais dos professores, pressão da sociedade, da família, novas tecnologias que precisam ser integradas na sala de aula, menor valorização do professor, mudança dos conteúdos curriculares, escassez de recursos, baixo investimento dos governos em educação, mudanças na relação professor aluno, fragmentação do trabalho docente, entre outras. Diferentemente do elástico, se resistem aos novos contextos, esses professores voltam para o estado anterior diferentes, estão experimentados ou experimentando essas provocações e podem mudar rumos da sua prática.

Entende-se também que a função do professor transcende a simples transmissão de conhecimento. Na condição de educador, deve buscar auxiliar a criança para a vida, contribuindo, por esse meio, para questões mais amplas, auxiliando-a na construção da própria identidade. O educador contribui para a realização dos estudantes como seres humanos, preparando-os para superarem os desafios apresentados pela vida. Isso consiste em colaborar com os processos do desenvolvimento psicológico do aluno e exigir atenção,

concentração e coragem frente às crises surgidas. O professor deve utilizar-se do contexto escolar para o desenvolvimento de valores e competências no adolescente.

Sendo assim, o cotidiano da vida, a realidade do dia a dia não pode ser local de apatia ou de fugas, pois o amadurecimento, o crescimento dos envolvidos acontece com o enfrentamento dessa realidade. Nem sempre esse enfrentamento gera grandes mudanças, às vezes elas são bem pequenas ou pelo menos o resultado é insignificante frente ao desafio dos fatos acontecidos. Todavia, esses enfrentamentos e essas pequenas conquistas são necessários para a evolução das pessoas, das sociedades em geral.

Em suma a promoção da resiliência no âmbito escolar, pode contribuir para o estabelecimento de vínculos com atitudes sociais e comportamentos positivos entre professores e alunos, ou seja, atitudes que evitem o isolamento social que poderia gerar a violência e a discriminação; o fortalecimento de uma estratégia essencial diante da rapidez do surgimento das informações, aos avanços tecnológicos, as mudanças sociais e o estresse que ratificam as necessidades e dificuldades da vida contemporânea, exigindo do docente um alto desenvolvimento profissional capaz de responder aos variados e crescentes desafios impostos pela profissão; pode contribuir também para uma posição favorável do professor no sentido de identificar e auxiliar os alunos a enfrentarem seus próprios problemas e dificuldades, criando um ambiente de prevenção às consequências prejudiciais à saúde e ao bom desempenho na escola; na criação de meios para fortalecer a saúde dos estudantes e professores, tornando possível desenvolver o lado positivo de seu desempenho e a sua proteção; e por fim contribuir para a criação de estratégias que valorizem uma atuação dialógica e de negociação de conflitos, o que é altamente significativo quando relacionado à prevenção da violência e promoção do desenvolvimento humano (HANDERSON; MILSTEIN, 2005).

3. A resiliência na formação de docentes

Para se construir uma escola resiliente, é preciso que os professores sejam instados a compreender a importância de desenvolver estratégias de fortalecimento das pessoas e sejam preparados para isso, sabendo lidar com situações estressantes e adversas (MARQUES, 2008).

Haja vista que pesquisas brasileiras e latino-americanas mostram a existência de algumas escolas em que professores conseguem elevado desempenho acadêmico dos alunos apesar da situação socioeconômica onde atuam (ASSIS, 2006).

Boa parte dos problemas da escola poderia ser eliminada se o ambiente mudar para melhor (CYRULNIK, 2004). Já que resiliência tem tudo a ver com presenças significativas, com solidariedade, com interações de seres humanos verdadeiramente humanos que formam comunidades saudáveis e acolhedoras (YUNES, 2001).

Por isso, a transformação da escola em uma comunidade resiliente exige, sobretudo, um olhar atento do docente, pois ele próprio precisa ir-se construindo como uma pessoa que detém esse fator diferencial. Tendo, segundo Riecken (2006), autoconfiança, persistência, criatividade, bom humor, liderança, capacidade de produzir conhecimento, relacionamento interpessoal e capacidade de sonhar.

O profissional em Educação é aquele que mais vivencia o ato e o fato no contexto de resiliência, é aquele que faz da sua prática pedagógica um grande escudo resiliente no contexto educacional. Nessa perspectiva, torna-se fator de ordem para o desenvolvimento da resiliência, uma organização pertinente às práticas individuais e profissionais como: flexibilidade a cada situação; um olhar diferenciado às dificuldades; autoestima; perseverança; sempre manter-se aberto às adversidades através de competência, habilidade e integridade. Para tanto, faz-se necessário o saber cuidar de si mesmo para poder cuidar do outro. Autonomia, capacidade de relacionamentos, iniciativa, criatividade, ética e vivência de valores são fatores determinantes ao processo de resiliência.

Sendo assim, a formação inicial do professor precisa fornecer as bases necessárias para o desenvolvimento destes profissionais, destinadas a construção dos saberes e fazeres essenciais às práticas pedagógicas, possibilitar a construção do conhecimento científico acadêmico e pedagógico, social e político, além de discutir, a função e a profissionalização do docente (YUNES, 2001).

Imbernón (2011, p.60) menciona em sua obra que “a formação inicial deve fornecer as bases para poder construir este conhecimento pedagógico especializado”, ou seja, que o futuro educador precisa adquirir as competências e habilidades que o capacite para o desenvolvimento de planejamentos, reflexões, avaliações de situações administrativas e pedagógicas, bem como se utilizar das disciplinas e temáticas sociais do currículo formativo, e também as especificidades didáticas envolvidas.

Cabe ao professor, segundo Antunes (2007), assumir o papel de instigador de curiosidades, de ajudante no processo de autoconhecimento e de automotivação do estudante, de estimulador de relações interpessoais saudáveis e de especialista na administração do tempo.

Segundo a teoria de Pacheco (2008) e Damasceno (2007), o professor tem que desenvolver, em si, a capacidade de se libertar dos trilhos que construíram suas representações de escola e de educação. Pensar escola na sociedade contemporânea é pensar em reorientar o ser humano no mundo, é reconfigurar o espaço e o tempo de aprender e ensinar, é reelaborar a cultura pessoal e profissional.

De acordo com Yunes (2001) é preciso, durante o curso de formação de docentes, inserir estes profissionais em ambientes educacionais complexos, onde alunos promovem situações de conflitos e indisciplina; apresentam dificuldades de aprendizagem, demonstram apatia e falta de motivação; suas atividades são improdutivas e resistem às intervenções externas. Fatos que levam o professor iniciante e inexperiente a um momento de desespero, pânico, cansaço, desgosto ou até depressão, num desejo de não querer estar numa sala de aula ou escola, perdendo o gosto pelo ato de ensinar. E é neste momento que a prática da resiliência do docente precisa se fazer presente para a melhoria no relacionamento entre professor e alunos. Colocar o professor em formação numa situação complexa, pode possibilitar o desenvolvimento do processo de superação do mal estar inicial, incentivando a troca de conhecimento, a transmissão da cultura e o estabelecimento da relação pedagógica.

Contudo, compreender o que é necessário para que as competências se transfiram de um meio para outro, bem como sua adaptação ao novo contexto, parece ser uma capacidade crítica individual, ou seja, outra habilidade do indivíduo e que precisa ser ensinada. Se o objetivo do educador é ensinar valores por meio de adversidades escolares, faz-se necessário discutir como esses valores se transferem para outros ambientes ou outras situações. Percebemos, assim, que o professor tem papel destacado, no sentido de estabelecer diálogos acerca de tal transferência. Considera-se, portanto, que esse profissional pode favorecer a promoção de fatores de resiliência em seus alunos na escola.

Conclusão

O presente artigo teve como objetivo apresentar a importância da resiliência para a formação dos docentes, como uma estratégia a ser desenvolvida no ambiente escolar. Através das pesquisas desenvolvidas pelos estudiosos do assunto, observa-se que a resiliência é um instrumento que favorece a intermediação das relações interpessoais entre aluno e professor, possibilitando a troca de conhecimentos, a confiança, o respeito e autoestima. Assim apresentar o conceito como uma ferramenta importante para a capacitação de professores se faz necessário para a competência em superar situações difíceis, desenvolvendo habilidades para o enfrentamento das adversidades ao longo da carreira profissional.

Deste modo, o artigo propôs um estudo sobre como ensinar e formar seres humanos mais resilientes no âmbito educacional. Diante da complexidade da educação na atualidade, a formação de professores mais confiantes, conscientes e preparados para a carreira profissional, contribui para amenizar o desespero inicial diante das adversidades de uma sala de aula e auxilia no desenvolvimento de uma carreira profissional mais satisfatória e adequada ao contexto em que vive o professor. A educação, como qualquer outro ambiente de trabalho, possui adversidades, porém estas podem ser minimizadas com o uso das práticas resilientes que podem ser desenvolvidas durante o período de formação de docentes, num processo contínuo e permanente.

Referências

- ASSIS, S. G.; PESCE, R. P.; AVANCI, J. Q. **Resiliência: enfatizando a proteção dos adolescentes**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- ANTUNES, C. **Novas maneiras de ensinar, novas formas de aprender**. Goiânia, 2007.
- BARBOSA, G. S. **Índices de resiliência: análise em professores do Ensino Fundamental**. São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC000000092006000100014&script...>>. Acesso em: 11 jun. 2008.
- BOURDIEU, P. **Escritos de educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007a.
- CYRULNIK, Boris. **Resiliência: Essa inaudita capacidade de construção humana**. Instituto Piaget. 2001. 239p.
- DAMASCENO, P. **Educação e resiliência**. Face Oculta, Ilha do Pico, Açores, 18 ago. 2007. Disponível em: <<http://cronicasilhadopico.blogspot.com/2007/08/ecucao-e-resiliencia.html>>. Acesso em: 30 maio 2008.
- FAJARDO, Indinalva Nepomuceno; MINAYO, Maria Cecília de Souza; MOREIRA, Carlos Otávio Fiúza. **Resiliência e prática escolar: uma revisão crítica**. Educ. Soc. vol.34 no.122 Campinas Jan./Mar. 2013.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo. Cortez e Moraes. 1979.
- FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- HENDERSON, N.; MILSTEIN, M. M. **Cómo fortalecer la resiliencia en las escuelas**. Buenos Aires: Paidós, 2005.
- IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. Francisco Imbernón; [tradução Silvana Cobucci Leite]. – 9.ed. – São Paulo: Cortez, 2011. – (Coleção questões da nossa época; v.14).
- IMBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de professores**. Francisco Imbernón; tradução Juliana dos Santos Padilha. – Porto Alegre: Artmed, 2010. 120p.; 23cm.
- LARROSA, Susana M. Rocca. **Resiliência: um novo paradigma que desafia a reflexão e a prática pastoral**. 2005. Disponível em: <<http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/docdigital/simposioteologia/pdf/Susana%20M.%20Rocca%20L.pdf>> Acesso em 30 Mar. 2013.
- LISBOA, Sílvia. **O poder de suportar a pressão e de transformar problemas em desafios se torna uma exigência nas empresas – e requisito de sucesso para os novos executivos**.

Disponível em: < http://www.rhportal.com.br/artigos/wmview.php?idc_cad=53d45uben >
Acesso em 30 Mar. 2013.

MARQUES, R. **Resiliência: cada vez mais necessária aos professores.** [S. l.], 2008. Disponível em: <<http://ramiromarques.blogspot.com/2008/04/resilinciacada-vez-mais-necessaria-aos.html>>. Acesso em: 29 maio 2008.

MELILLO, A.; OJEDA, E. N. S. **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas.** São Paulo: Artmed, 2005. p. 15-22.

MORAIS, N. A.; KOLLER, S. H. **Abordagem Ecológica do Desenvolvimento Humano, Psicologia Positiva e Resiliência: Ênfase na Saúde.** In: KOLLER, S. H. Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 91-107.

PACHECO, J. **Aprendizagem do caos.** Educare, Porto, PT, 11 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.educare.pt/educare/Imprimir.aspx?contentid=4828ADD6642569E04400> >. Acesso em: 29 maio 2008.

PESCE, R. P.; AVANCI, J. Q. **Resiliência: enfatizando a proteção dos adolescentes.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

RIECKEN, C. **Sobreviver: instinto de vencedor: os 12 pontos da resiliência e a personalidade dos sobreviventes.** São Paulo: Saraiva, 2006.

TAVARES, J. (Org.). **Resiliência e educação.** São Paulo: Cortez, 2001.

THEIS, Amandine. **La resiliencia en la literatura científica.** In: MANCIAUX, Michel (Comp.). La resiliencia: resistir e rehacerse. Barcelona: Gedisa, 2003. p. 75-86.

VARELA, F. **La resiliencia en y la escuela.** [S. l.], 2005. Disponível em: <http://sepiensa.org.mx/contenidos/2005/d_resiliencia/resiEsc_1.htm>. Acesso em: 29 maio 2008.

YUNES, M. A. M. **A questão triplamente controversa da resiliência em famílias de baixa renda.** Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2001.

YUNES, M. A. M; SZYMANSKI, H. **Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. Resiliência e Educação,** (pp. 13-42). São Paulo: Cortez. 2001.

YUNES, Maria Angela Mattar. **Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família.** *Revista Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 8, num. esp., p. 75-84, 2003.

ZAREMBA, Fellipe de Assis. **A Reforma da Educação Profissional: um Estudo sobre o Modelo de Competência e suas Implicações no Plano de Trabalho Docente.** / Fellipe de Assis Zarembo. 2009. 183 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Nove de Julho (Uninove), 2009.